

Só metade dos médicos obstetras e pediatras inscritos na Ordem trabalham no SNS

BALANÇO Há hospitais da Região de Lisboa e Vale do Tejo que fecham sistematicamente as Urgências de Obstetrícia ou de Pediatria, alguns as duas, aos fins de semana. A falta de recursos humanos é a causa apontada. Mas, ao DN, a maioria destas unidades recusaram dizer o número de médicos que tem e de quantos precisa. Diretor executivo do SNS reconhece problema, bastonário e sindicatos pedem medidas urgentes.

TEXTO ANA MAFALDA INÁCIO

Até esta semana, estavam inscritos na Ordem dos Médicos 1960 especialistas em Ginecologia-Obstetrícia e 2529 especialistas em Pediatria, mas, destes, apenas 748 obstetras e 1325 pediatras trabalham no Serviço Nacional de Saúde (SNS), menos de metade no caso dos primeiros e pouco mais de metade nos segundos. A falta de recursos humanos nestas especialidades tem sido apontada como a principal causa para o encerramento sistemático de alguns Serviços de Urgência na Região de Lisboa e Vale do Tejo, mas o DN questionou todas as unidades que têm vindo a encerrar os seus serviços sobre o número de médicos que têm e os que deveriam ter para que esta situação não se repetisse semana após semana e foram poucos os que responderam. Apenas três reconhecem a falta de recursos.

A Direção Executiva do SNS confirma a escassez de pessoal e

diz estar a preparar medidas para resolver a situação na região, mas a Ordem e os sindicatos da classe médica dizem que a tendência é para o agravamento – em primeiro lugar porque muitos médicos estão a atingir o limite das 150 e 250 horas extraordinárias; depois devido ao período de férias que se aproxima, e, por fim, devido à tendência de saídas destes especialistas do SNS, que se mantém.

Aliás, de acordo com a informação disponibilizada ao DN pela Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS), em dois meses – de final de dezembro a fevereiro –, houve mais seis obstetras que deixaram o SNS. Os dirigentes sindicais dizem não estranhar, já que o processo que leva à decisão da saída “é uma pescadinha de rabo na boca, quantos mais saem mais trabalho recai sobre quem fica e muitos acabam por desistir”, refere ao DN a presidente da Federação Nacional dos Médicos, (Fnem), Joana Bordalo e Sá.

“A questão não é só ao nível dos cuidados nas urgências, mas também da formação, que é uma grande preocupação. Se não há médicos assistentes, menos vagas poderão ser lançadas para novos especialistas”, refere o bastonário, Carlos Cortes.



GONÇALO DELGADO

Para o secretário-geral do Sindicato Independente dos Médicos (SIM), Nuno Rodrigues, “a falta de médicos na Região de Lisboa e Vale do Tejo é uma situação grave e para a resolver o Estado vai ter de encontrar soluções muito criativas, em termos de incentivos”.

Já para o bastonário, a questão não se coloca só ao nível da prestação de cuidados nas urgências, mas também da formação, que “é uma grande preocupação”. “Se não há médicos assistentes, menos vagas poderão ser lançadas para novos especialistas”, diz Carlos Cortes. Por exemplo, refere, “este ano, foram lançadas 59 vagas nacionais para Obstetrícia e 103 para Pediatria, o que é preciso é começar-se a trabalhar para que estes especialistas escolham ficar no SNS no fim da formação”.

O coordenador do Plano de Reorganização das Urgências de Obstetrícia-Ginecologia e Pediatria, Alberto Caldas Afonso, tal como o DN noticiou ontem, faz

um balanço positivo das medidas assumidas para esta área, nomeadamente a referência pela Linha SNS Grávida, em vigor desde 16 de dezembro, mas concorda que a Região de Lisboa e Vale do Tejo necessita de “uma intervenção particular e profunda”. E deixa um alerta: “É preciso fazer-se mais, e rapidamente, para não se perder mais médicos. O Ministério da Saúde recebeu uma proposta da nossa comissão para a remuneração das equipas na área da Obstetrícia e da Pediatria, para que seja possível fixar estes profissionais no SNS. Agora, cabe ao poder político a aceitar ou não.”

Hospitais do Norte têm mais especialistas nestas áreas

Os números da Ordem dos Médicos disponibilizados ao DN revelam que o total de 1960 especialistas em Ginecologia-Obstetrícia, está espalhado da seguinte forma pelo país: 654 no Norte, 352 no Centro e 954 no Sul e ilhas. Mas se